

**Cabo Verde, «Pousada» nos Caminhos do Atlântico.
Interinfluências culturais num arquipélago miscigenado**

*Cape Verde, the «Pousada» of the Atlantic routes - cultural
interinfluences in an interbred archipelago*

José Silva Évora

Instituto do Arquivo Histórico de Cabo Verde
jose.silvaevora@hotmail.com

Recibido: 29-07-2014; Revisado: 10-10-2014; Aceptado: 01-12-2014

Resumo

Descoberto entre 1460 e 1462, o Arquipélago de Cabo Verde, situado no Oceano Atlântico, constituiu ao longo de vários séculos, escala obrigatória dos navios que faziam as ligações atlânticas entre os portos das Américas, da Europa e da África. Graças a sua situação privilegiada, o espaço cabo-verdiano não foi um mero ponto de reabastecimento, mas também um importante ponto de cruzamento de culturas e de raças. Pretende-se, neste texto, abordar o papel que Cabo Verde teve no Atlântico incidindo, particularmente, na dimensão cultural resultante do contacto entre povos e culturas provenientes de diferentes paragens que se fixaram no arquipélago ou que por aqui passaram. Procurar-se-á evidenciar não só a importância que Cabo Verde teve enquanto ponto de passagem obrigatória mas, sobretudo, as contribuições que mais marcadamente se denunciaram, isto é, os apports culturais que mais se acentuaram em Cabo Verde, como processos recebidos dos estrangeiros que por estas ilhas se cruzaram.

Palavras-chave: Cabo Verde, Atlântico, miscigenação, criouldade, raças, culturas, idiosincrasias

Abstract

The Archipelago of Cape Verde, discovered between 1460 and 1462, and situated in the Atlantic Ocean, had been considered for centuries one of the mandatory harbours of the ships that sailed across the Atlantic to the ports of America, Europe and Africa. Because of its strategic location, Cape Verdean anchorage was considered not only the supplying point, but also an important melting pot of races and cultures. It is intended to highlight the role of Cape Verde in the Atlantic focusing particularly on the cultural aspect, as a result of the influence of cultures and origins of people who had settled in or had passed by the archipelago. It is also aimed to underline the importance of Cape Verde as a mandatory gateway but, above all, to underline the remarkable contributions, such as the cultural "apports" by which Cape Verde were gripped, like processes brought by the foreigners who crossed these islands.

Keywords: Cape Verde, Atlantic, Miscegenation, Race, Culture, idiosyncrasies

1. INTRODUÇÃO

Repetidamente tomada como ponto de referência pelos portugueses no âmbito da Expansão Quatrocentista, o arquipélago de Cabo Verde, constituiu um ponto de extrema importância advinda da sua situação geográfica no cruzamento das rotas do Atlântico, pese embora os débeis recursos naturais decorrentes da morfologia do solo e, sobretudo irregularidade pluviosa tão diferente da metrópole.

A sua posição tornava-o um ponto de passagem obrigatório de todas as embarcações que sulcavam a costa atlântica. Importante base de abastecimento, mais do que isso, Cabo Verde foi um espaço de contactos profundos de diferentes povos e culturas que marcaram de forma indelével o seu espaço nas suas diversas vertentes.

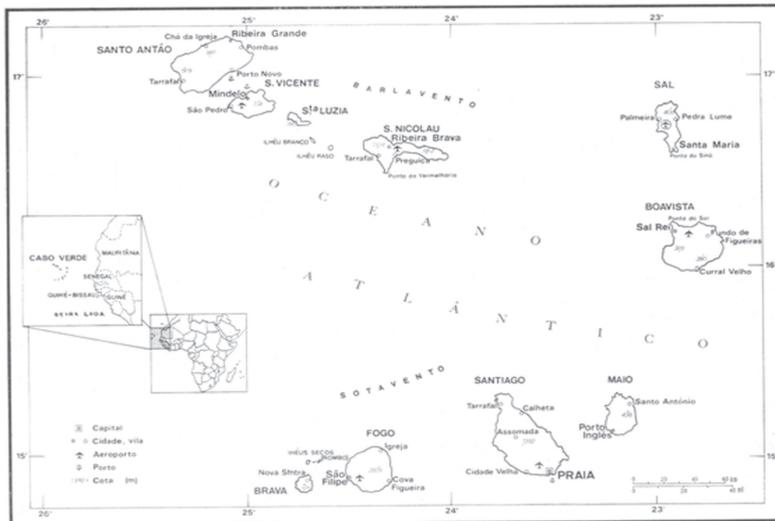
Este universo insular, desde sempre viu no mar o único recurso graças o qual conseguiu sobreviver e comunicar-se, entre as ilhas e com o resto do Mundo. Aliás, a sua ocupação efectiva e conseqüente exploração, nunca seriam possíveis não fossem os seus portos, particularmente o da Ribeira Grande na Ilha de Santiago, que serviu de entreposto de escravos, numa altura em que o tráfico constituiu a alavanca do empreendimento expansionista português e outras nações europeias nele envolvido. Foi a volta deste ancoradouro que viria nascer o primeiro aglomerado populacional cabo-verdiano, a partir de onde lançou-se as bases para o povoamento da grande ilha de Santiago e pouco depois as demais que formam o arquipélago.

A História deste Arquipélago confunde-se, pois, com a epopeia do mar que, em diferentes conjunturas desempenhou papel de relevo para a afirmação das Ilhas no Atlântico e no Mundo. Em cada uma delas, o mar assume papel particular, quer como porta de entrada aos forasteiros de diferentes paragens, como terá acontecido com os portos da Ribeira Grande e da Praia, ainda nos primeiros séculos de povoamento, quer, como poiso de abastecimento de carvão como foi o caso do Porto Grande de S. Vicente cuja importância ao tempo da navegação à vapor é de todos reconhecida, quer ainda como a única via de ligação dos ilhéus, caso de todas as ilhas, sem esquecer, obviamente, a sua importância económica num espaço onde a condição insular e a inaptidão das terras para a exploração agrícola sempre favoreceram as actividades marítimas, estimulando a pesca, a navegação de cabotagem e em finais do século XIX, a indústria baleeira.¹ O mar está tão vinculado na História das ilhas, que parece fazer parte da mundividência das suas gentes. Não é por acaso, que está sempre presente na música, no teatro, na literatura e naturalmente na produção historiográfica cabo-verdiana. Foi por

¹ A pesca da baleia nos mares de Cabo Verde foi uma actividade iniciada pelos americanos (Carreira) no final do século XVII. No século XIX, esta pesca interessava outros países, além dos Estados Unidos da América, porquanto era utilizada na industrialização do azeite e no aproveitamento da carne e das barbas, outrora com variada aplicação, em particular no vestuário das senhoras. Para além do interesse puramente económico que teve a pesca da baleia nos mares de Cabo Verde, por parte dos navios americanos, temos de considerar outro aspecto importante: a influência exercida na emigração cabo-verdiana para os Estados Unidos da América, com todas as incidências de ordem social e económica.

via do mar que chegaram nestas ilhas uma multiplicidade de povos de diferentes paragens que, na sua bagagem trouxeram os ingredientes que viriam determinar uma cultura cabo-verdiana, usualmente apelidada de crioula.

Figura 1. O Arquipélago de Cabo Verde.



Fonte: Amaral (1991: 3).

2. O CRUZAMENTO DE CULTURAS NUM ESPAÇO NOVO

Se cabe à História fornecer os elementos indispensáveis à compreensão do passado, permitindo não só organizar a memória dos homens e das sociedades, mas definir e identificar as sucessivas heranças que se foram consolidando ao longo dos tempos e que formam hoje os muitos patrimónios das muitas humanidades, é dever de todos nós reflectir sobre as maneiras como fomos aceitando, integrando, recusando, refazendo, mestiçando, em função do nosso quadro social e cultural, aquilo que os Outros nos deixaram, directa ou indirectamente, como vestígios materiais, culturais, espirituais, ou na imaterialidade dos nossos quotidianos (CASTRO, 2011: 13-32).

Se esta afirmação da historiadora portuguesa refere-se ao caso do Portugal colonial, a mesma poder-se-ia aplicar às colónias portuguesas, particularmente ao arquipélago de Cabo Verde. Com efeito, a partir das articulações transoceânicas lançadas pelos portugueses na *Era dos Descobrimentos*, não só tornou-se possível criar as bases de um conhecimento mais rigoroso do mundo como também tornou-se realidade, no devir dos séculos, o encontro de povos e cultura a uma escala planetária. Desses encontros civilizacionais resultou uma interacção racial que no caso de Cabo Verde conduziu a estruturação da sua identidade cultural.

Lembremos que na antropologia cultural, o processo da mestiçagem sociocultural é mais conhecido por criouliização, um termo proveniente da linguística. Lembremos ainda que, em espaços insulares anteriormente desabitadas, como foi o caso de Cabo Verde, a miscigenação assumiu contornos específicos (ANDRÉ, 2004: 9-50).

Como dissemos anteriormente, tudo começou pela Ilha de Santiago. Foi nesta ilha, maior em extensão, localizada ao sul do arquipélago, onde a ocupação humana começou, a partir da segunda metade do século XV, com a chegada dos primeiros colonos europeus como também aventureiros, além dos primeiros contingentes de escravos negros provenientes da costa da Guiné que chegaram em trânsito para as Américas ou, às vezes, para ficar. Não é, pois, de se estranhar que foi em Santiago onde se começou um grande cruzamento étnico-cultural e, conseqüentemente, uma profunda miscigenação que acabaria por alargar às demais ilhas que formam o arquipélago.

Segundo documentos da época, ao serem descobertas, não eram povoadas de seres humanos. É o que podemos depreender partindo da análise da narrativa de Diogo Gomes, quando em referência ao descobrimento da ilha de Santiago, afirma não ter visto ali «nenhum indício de homem». Portanto, foi necessário transplantar tudo de outras paragens, nomeadamente da Metrópole, desde pessoas, instituições e demais recursos indispensáveis à organização do novo espaço então descoberto. Esses e outros factos permitem-nos, pois, afirmar que a dinâmica do povoamento das ilhas de Cabo Verde foi a de contactos, fazendo com que a sociedade em formação assumisse especificidades próprias, afirmando ao longo dos tempos uma idiosincrasia que revela os «*apports*» que entraram no composto sociocultural cabo-verdiano. E esta cultura construída na base de uma oposição permanente, constitui o fundamento da singularidade povo cabo-verdiano. Um povo com uma existência de séculos, cuja cultura resultou de um acumular constantes de elementos e de contacto permanente com culturas diferentes (entre os quais sobressai a portuguesa e a dos povos da costa africana), facto que ao longo de séculos tem ampliado as bases da identidade cabo-verdiana, com todo um conjunto de valores, cada vez mais coerente e integrado na especificidade do contexto cabo-verdiano.

É também de sublinhar outros factores que teriam contribuído para a criouliidade em Cabo Verde, nomeadamente, a insularidade, a distância do arquipélago em relação à Metrópole e, conseqüentemente, a ausência de fluxos de europeus, pelo menos na primeira década da colonização, facto que conduziu a um processo de mestiçagem racial e cultural entre africanos e europeus², sobretudo portugueses. A este propósito o professor João Lopes Filho escreve:

tendo presente que na altura era norma seguirem somente homens para as novas terras, no caso cabo-verdiano, os senhores acabaram por ter filhos com as escravas,

² Entendemos a mestiçagem cabo-verdiana como resultado das condições advenientes do contacto entre o grupo colonizador, europeus, e o grupo colonizado, africanos, num ambiente desconhecido por ambos os grupos. A escassez de mulheres brancas nesse contexto, terá favorecido o processo de miscigenação biológica.

aspecto que facilitou a interpretação cultural e proporcionou condições para a formação no arquipélago uma sociedade baseada na mestiçagem (FILHO, 1999: 71).

O citado autor considera ainda que a mestiçagem foi provocada por outros factores advenientes das relações estabelecidas neste espaço longínquo.

Outro factor que acelerou a mestiçagem foi o facto de as relações sexuais livres serem correntes em Cabo Verde independentemente da origem social e da função ou cargo que cada um ocupava, dado que quase todos tinham as escravas à sua disposição. Acontecia que, mesmo quando o povoador vinha acompanhado da esposa, nada lhe impedia de ter uma ou mais amásias da terra (FILHO, 1999: 71).

Portanto, o próprio modo de produção implantado nas ilhas foi um factor conducente a miscigenação. Opinião também defendida pelo historiador cabo-verdiano Daniel Pereira. Diz este autor que:

até a abolição da escravatura (1876), a economia de Cabo Verde esteve indissociável do comercio de escravos(...) e, é em grande parte, a escravatura e a sua persistência ao longo de séculos, que devemos a nossa especificidade, a nossa identidade. Sem ela, as nossas características enquanto povo seriam semelhantes as dos restantes arquipélagos que formam a Macaronésia (PEREIRA, 1994: 45).

Esta mesma tese foi defendida por um outro estudioso das ilhas, Nuno Miranda, ao afirmar que,

o próprio cenário natural do arquipélago pelo tipo de exploração de terra praticado, estava a postular um convívio a estimular a mestiçagem que constitui um factor determinante na formação social estável: a família mulata cabo-verdiana, nascida da conjugação de factores geográficos, económicos, raciais e culturais (MIRANDA, 1961: 96).

Com efeito, do cruzamento dessas duas raças (africana e europeia) nasceu o mestiço cabo-verdiano que já nas primeiras décadas de Seiscentos entrou na documentação histórica com uma relativa importância numérica e, certamente, com características culturais próprias. É o que podemos notar partindo da análise de uma Carta régia datada de Outubro de 1620, na qual Sua Majestade determina «...que nas ilhas de Cabo Verde se extingão, quando for possível, as castas de mulatos, que nelas há (...)».³ Importante será ainda dizer que a partir da mesma época se assiste já a emergência do dialecto crioulo⁴, nas ilhas de Santiago e do Fogo numa altura em que os mestiços constituem uma parte significativa da população. Este facto é sublinhado por Daniel Pereira, quando diz que

a língua cabo-verdiana, ela ainda produto do cruzamento de culturas, nasceu bastante cedo em Cabo Verde de tal modo que, na Segunda metade do século

³ *Boletim do Conselho Ultramarino. Legislação Antiga*, p. 217

⁴ Segundo a posição defendida por alguns estudiosos do crioulo cabo-verdiano, esta língua terá nascida do encontro da língua portuguesa com alguns idiomas africanos realizado no arquipélago.

XVII, já era utilizada na catequese de escravos que para ali iam e é hoje língua materna e nacional, falada por todos os cabo-verdianos sem excepção (PEREIRA, 1994).

O crioulo tornou-se deste modo, um dos elementos representativos da cultura cabo-verdiana, desempenhando o seu papel sobretudo na comunicação oral.⁵

Curioso também é o facto de os escravos provenientes da costa africana pertencerem a um «amplo leque de grupos étnicos, pelo que se pode ter uma vaga ideia da babel de línguas, religiões, usos, costumes, crenças» (PEREIRA, 1994: 45) que, como é óbvio não podiam deixar de influenciar a cultura na sociedade cabo-verdiana então nascente.

Assim, temos que, se não é possível ignorar a importância que as culturas dos diferentes grupos étnicos provenientes da costa africana, desempenhou na formação da cultura cabo-verdiana, o mesmo acontece em relação a europeia particularmente a portuguesa. Tal facto levou João Lopes Filho a afirmar que

a cultura cabo-verdiana resultou da interpenetração de elementos europeus e africanos, num espaço geográfico com características muito próprias – ilhas localizadas a meio do Atlântico, o que contribui para um intenso relacionamento com diferentes culturas, ao mesmo tempo que se iam construindo uma sociedade aberta às varias influencias socioculturais, pelo facto de o arquipélago ser um ponto de escola de navegação e comercio entre a Europa, a África e as Américas (FILHO, 1996).

A partir do início do século XVI passaria a ser, estrategicamente falando, um marco importante no tráfico de escravos numa altura em que a escravatura entrou amplamente em vigor, implicando outros movimentos nomeadamente encontro de pessoas de diversas origens. Desencadeou-se, deste modo, um vasto cruzamento étnico-cultural na ilha de Santiago e foi sob esse pano de fundo que, em grande parte, se moldou a formação cultural das suas gentes. É a conclusão a extrair partindo da análise de algumas contribuições que mais marcadamente se denunciaram, isto é, os *apports* culturais que mais se acentuaram em Santiago como processos recebidos dos estrangeiros, muito particularmente do grande contingente de escravos, que muito contribuiu para o seu povoamento. Assim, muitas reminiscências afro-negras se localizam mais na ilha de Santiago sobretudo em certas zonas do seu interior onde alguns traços da cultura negra são mais vincados. A razão está contida, certamente, no quadro económico em que se desenrolou a colonização da ilha. Foi em Santiago onde a agricultura encontrou condições mais favoráveis permitindo, assim, a aquisição de um grande número de escravos da costa africana para o desempenho daquela actividade. Esses, que constituíam a maioria tentaram, na medida do possível, preservar os seus ritos e costumes de forma a colmatar em parte o «*vácuo*» que certamente sentiam no novo espaço onde foram lançados. «É, portanto, nesta ilha onde os mulatos estão em minoria que os elementos culturais transplantados para o arquipélago conservam durante mais tempo a fisionomia original» (RIBEIRO, 1962: 8).

⁵ Sobre o crioulo de Cabo Verde, sugerimos a leitura das obra de M. VEIGA (1982, 1995 e 2002).

Mas também é verdade que os costumes africanos transplantados acabaram por perder muito da sua pureza original, sob influência da civilização ocidental que se impunha pela sua evidente superioridade. Talvez seja por isso que, se existem algumas características na cultura santiaguense que a primeira vista denunciam a originalidade negra, também existem aquelas cuja influência afro-europeia é de tal maneira complexa que *à priori* torna-se difícil, senão impossível, dizer qual a influência negra e qual a europeia.

Se o hábito de transportar os filhos às costas, o lenço amarrado à cabeça das mulheres, o aparato do choro e as grandes quantidades de comida que se fazem no ritual da morte denunciam alguns dos traços da sobrevivência africana e, vigentes em muitas das ilhas, senão em todas, persistem, porém, determinados hábitos e costumes com maior expressão na ilha de Santiago. Podíamos referir, entre outras, a Tabanca, manifestação popular genuinamente africana, segundo consta, das mais antigas implantadas no solo cabo-verdiano. Consiste numa manifestação com desfile e festa de rua, com aglomeração de multidões, rufar de tambores e tocar de cornetas. Ao que tudo indica, desde a sua implementação (por volta do século XVI, segundo Senna Barcellos), teria sido associações de antigos escravos que, para além de ser um meio de manter valores religiosos do passado constitui uma forma importante de coesão entre os seus membros, a qual se manifestava entre outras coisas, pelo facto de serem sociedades de socorro mútuo.

Salienta-se, ainda, outras particularidades nomeadamente no que concerne ao vestuário das mulheres: essas, embora regra geral trajam à moda europeia, em certas localidades, no interior, trazem na cintura um pano geralmente de quadrados branco e preto que também serve para atar as crianças às costas. Também a forma de construção, não obstante terem sido assimilados os processos portugueses, evidenciam, porém, vestígios de arquitectura africana, pois se a pedra é o material mais vulgarmente empregado na construção das casas de habitação, o elemento vegetal é utilizado na confecção de cozinhas, habitação para animais bem como casas de habitação para os guardas das propriedades, o que é um indício da influência dos africanos.

O Professor Orlando Ribeiro, em referência às influências recebidas em Cabo Verde, faz uma afirmação que passaremos a citar:

... a influência negra revela-se em muitas coisas: Uso do pilão e do pó de rebo; o costume de carregar à cabeça; alimentação baseada em grãos em que não entra o pão; a maneira de carregar as crianças às costas; o lenço amarrado a cabeça das mulheres; o banco de ouril; o batuque; o ritmo das festas dos santos (...). Sem embargo, a influência portuguesa também é muito forte: Desde a língua, o crioulo, com uma elevada percentagem de vocábulos de origem no português arcaico; o vestuário pertencente ao ubiqüitário divulgado pela civilização europeia; a população maioritariamente católica (RIBEIRO, 1997).

Relativamente às manifestações culturais como a dança e a música, pensamos serem nelas onde as influências portuguesas e afro-negra se fazem sentir de forma mais acentuada e testemunham, portanto, a realidade de uma cultura luso-tropical no arquipélago de Cabo Verde e em Santiago em particular. É que, do encontro de

danças europeias com as africanas nasceram algumas tipicamente crioulas de uma harmoniosa fusão de elementos das culturas luso-continental e africana, sendo as mais usuais e populares o batuque,⁶ o torno, as coladeiras e sobretudo as mornas. Se muitas dessas manifestações predominam em todas as ilhas, a verdade é que existem algumas, mais expressivas na de Santiago. É o caso do batuque e o torno, dança de raiz afro-negra, sendo esta última a mais genuinamente africana pois trata-se de uma dança de roda e a solo com aspecto do batuque e exprime um certo sentido ritual. Já a coladeira é mais adulterada pela influência europeia visto tratar de uma dança mais lúbrica e de pares, característica que não se verifica nas danças afro-negras puras.

Lámina 1. Uma sessão do batuque



Fonte: FRAGATA. Revista de bordo dos TACV, 11, 2007: 13.

Falando das expressões musicais, característicos da cultura caboverdiana, não podemos deixar de fazer uma especial referência à morna, música sentimental lírica, que na sua construção rítmica é adoçada pelo sentimentalismo nostálgico próprio do cabo-verdiano. É o que dizem alguns especialistas que têm estudado o folclore cabo-verdiano, apontando a morna como um exemplo de uma cultura luso-tropical e um dos aspectos mais característicos da psique do cabo-verdiano. Referimo-nos, neste particular, ao estudioso Fausto Duarte que na sua *Literatura*

⁶ Dança de inspiração essencialmente africana, com o vigor quente de ritmos e coros típicos africanos.

colonial e morna de Cabo Verde viu neste aspecto musical uma possível afinidade com o fado português, considerado, pois, a morna um género que uniu em si elementos rítmicos e coreográficos portugueses bem como elementos psíquicos afro-negras. Nas ilhas da Boa Vista e da Brava ganhou, outrora grande expressão, sendo actualmente uma referência incontornável na música cabo-verdiana⁷.

Depois de Santiago, o Fogo é a mais antiga em termos de povoamento e exploração efectivas. Nesta ilha, formou-se uma sociedade eminentemente escravocrata, dicotómica, uma sociedade complexa, fascinante para alguns, misteriosa para outros, enfim, uma sociedade com a sua história que a caracteriza e a individualiza⁸. As manifestações culturais mais expressiva nesta ilha são as festas das Bandeiras, que constituem uma transplantação das que se realizavam na metrópole, principalmente nas províncias nortenhas, com as cerimónias e costumes adaptáveis ao meio. São festas associadas aos Santos e, em certa medida, aos círculos agrícolas. Consistem em rituais à volta da confecção de refeições, repicar de tambores acompanhado pelas batidas de paus no rebordo do pilão e pelo ritmo especial de tambor, no pilar do milho em casa do festeiro. Corridas de cavalos e danças ao ritmo dos tambores nos cortejos que se dirigem à Igreja, constituem também particularidades destas manifestações. «O eclectismo do programa das festas religioso-profanas que na ilha do Fogo se chama Bandeiras documenta um aspecto curioso dos resultados do contacto cultural verificado em Cabo verde entre branco europeu e o negro africano» (MONTEIRO, 1948: 9).

Lámina 2. Bandeira de São Filipe



Fonte: *Fragata. Revista de bordo dos TACV*, 17, 2010: 17.

⁷ Sugerimos a leitura da (LIMA, 2002).

⁸ Sobre os contornos da sociedade foguense, sugerimos a leitura de (SOUSA, s/a, : 2-8).

3. ESPECIFICIDADES CULTURAIS NUM MESMO ARQUIPÉLAGO: O CASO DA ILHA DE SÃO VICENTE

Se os condicionalismos climatéricos e históricos são idênticos, ao longo dos séculos do povoamento as ilhas de Cabo Verde ganharam características que por vezes chegam quase a individualizá-las. Existem características comuns, resultantes de uma educação e cultura idênticas adquiridas nas mesmas fontes, mas com todas as diferenciações resultantes de hábitos diferentes e maneira de ser diversas, pois as ilhas acabaram por registar rumos diferentes de evolução que lhes conferem singularidades próprias. É o caso da ilha de S. Vicente que, durante muito tempo após a sua descoberta manteve-se despovoada «de gente», e só a partir da segunda metade do século XIX irá conhecer um rápido crescimento no contexto do Cabo Verde Oitocentista.

Ao nível cultural a Ilha ganhou contornos próprios proporcionados por factor endógenos e exógenos por que passou ao longo do seu percurso histórico, particularmente por tudo o que ela representou a partir da segunda metade do século XIX, enquanto centro chave das transformações então operadas de ambos os lados do Atlântico e, conseqüentemente, um espaço de trocas culturais e de vivências entre diferentes povos que ali se cruzam. A sinalizar a vinculação da ilha ao império britânico o que é bastante evidente no quotidiano e no devir histórico das suas gentes, cuja cultura está profundamente ligada ao Porto Grande, ao trabalho nas Companhias Carvoeiras, dotada de uma forte influência da comunidade inglesa ali instalada.

Constata-se ainda, que, durante o período que medeia da 2ª metade de Oitocentos ao último quartel da mesma Centúria, São Vicente gozou de estatuto singular no arquipélago, funcionado como um centro internacional, ligando os continentes a nível da economia e da cultura, facto que dotou a ilha duma mescla cultural, com uma influência inglesa bastante significativa. Isto significa que, se o Porto Grande deixou de ser aquilo que era em termos de movimento em relação ao Atlântico, a verdade é que a vivência cultural entre as diferentes raças que entranhou no seio das suas gentes, essa continuou pois, afinal, Porto Grande não foi só um poiso de reabastecimento, um mercado de carvão, foi também, e sobretudo, um espaço de trocas culturais e de convívio entre povos que por ali cruzaram, «fundiram ensinamentos, experiências, gestos, atitudes, linguajar das mais variadas culturas espalhadas pelo globo» (SILVA, 2000: 16).

Tais influências acabaram por repercutir no domínio cultural, e em certa medida em determinados hábitos, costumes e no próprio perfil psicossocial do mindelense. Enquanto ponto de chegada de estrangeiros e ponto de partida de gente para o mundo Atlântico, S. Vicente já foi considerado por alguns como um verdadeiro centro de miscigenação internacional, «*um autêntico laboratório para um antropologista*». (LEVY, 1956: 22).

As manifestações culturais bem como a vivência das suas gentes não podiam deixar de trazer a marca indelével dos contactos humanos ali ocorridos. Como atrás referimos, a presença inglesa foi a mais notória pelo menos no período auge da sua evolução e desenvolvimento e, conseqüentemente, a nível cultural

a influência britânica é aquela que mais se faz sentir. Para muito os ingleses significavam uma maneira de viver em condições mais moderna e, como tal, um modelo a imitar. Esta ideia teria nascido, eventualmente, no decurso das relações entre os empregados e os proprietários das companhias carvoeiras ali instaladas. Esses representavam uma alternativa diferente, proporcionando a possibilidade de aqueles substituírem «a cabana de pedra por uma casa mais confortável, refrescos durante o dia de trabalho, um vencimento em dinheiro, artigos a comprar por preços relativamente módicos...».⁹

A interpretação linguística foi um outro campo particularmente permeável à influência britânica, «*chegando-se até ao exagero de alguns falarem o português deturpado, tal como os ingleses faziam*» (SILVA, 2000: 15).

De qualquer modo, o dialecto crioulo «sãovicentino» saiu a ganhar graças a introdução de um avultado número de termos ingleses dos quais a maioria tinha ligação com a vida de trabalho nas companhias e com o porto; passaram a ser de uso corrente durante muito tempo, persistindo alguns até hoje.

A par dessas, não podemos deixar de acrescentar um pequeno apontamento sobre outras influências que os britânicos introduziram naquela ilha do Norte, nomeadamente, nos domínios do vestuário e das modalidades desportivas, tais como, cricket, golf e o ténis introduzidas pelos ingleses que ali criaram os primeiros clubes desportivos mais tarde alargados às outras ilhas do arquipélago.

Quanto ao vestuário, os jovens do Mindelo cedo começaram a imitar os ingleses relativamente ao modo de vestir e proceder: «Usar roupa exterior branca, desde os sapatos ao boné, era corriqueiro no Mindelo, incluindo o uso generalizado de calções até pouco acima dos joelhos. Vestir de branco, com a gola da camisa levantada, também se tornou corriqueiro na cidade».¹⁰

Além do vestir à maneira colonial inglesa, outros hábitos e costumes ingleses, como beber *whisky*, cocktail, gin and tonic e tomar o chá das cinco acabaram por inculcar no costume das populações passando para o rio cultural. E, «se esses costumes só penetram em certas camadas sociais, pelo menos o uso de loiças e talheres e a mudança de roupa africana para europeia, tudo isto comprado nas lojas dos ingleses, tornou-se passo a passo um hábito comum».¹¹ De lembrar, também, que a arquitectura urbana do Mindelo parece ter recebido uma influência britânica: bons edifícios destinados à habitação além de escritórios e indústrias construídos pelos ingleses, o que contribuiu para um centro de ruas e uma arquitectura com um certo toque europeu.

É também de salientar o fenómeno de acomodação verificada não só em S. Vicente como em todo o resto do Arquipélago. A semelhança que ocorreu nas outras ilhas, muitos estrangeiros, neste caso concreto ingleses, adaptaram-se de tal modo em S. Vicente que nalguns casos, ninguém se dá conta da sobrevivência ancestral de algumas famílias (Rendall, Spencer, Burnay, Zagury, Abu-Raya, entre outras). O que se verificou é que todas elas esvairaram-se na fisionomia da terra, que passou a ser naturalmente a sua.

⁹ Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo, p. 62.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano do Mindelo, p. 62.

Falar da cultura de S. Vicente, hoje, é falar do carnaval. Embora seja festejada em todas as ilhas do Arquipélago, é, no entanto, nas ilhas do Norte, particularmente as de S. Vicente e São Nicolau onde o carnaval acabou por ganhar maior expressão, uma manifestação cultural por excelência, constituindo um rico manancial para um estudo, como exteriorização colectiva altamente popular em que participam pessoas de todas as idades e estratos sociais.

Lâmina 3. Desfile do carnaval na Cidade do Mindelo, São Vicente



Fonte: *Carnaval do Mindelo. Revista de divulgação*, 0, 2013: 37.

Além dos desfiles das Escolas de Samba, acontecem também os desfiles de blocos e bandas, grupo de pessoas que saem desfilando pelas ruas para se divertirem, sem competição.

Ao lado dos grandes carros alegóricos, produtos de uma imaginação povoada de sonhos, desfilam os comediantes que se chamam de espontâneos ou de grupos de animação, já que esses são ainda os restos do antigo entrudo (RODRIGUES, s/d: 0).

Relativamente ao Entrudo¹², é mais notório na ilha de Santiago, possivelmente devido á forte religiosidade das pessoas, mas ainda há pouco tempo era muito celebrado nas ruas da Ribeira Brava, São Nicolau. Em S. Vicente, traz reminiscências do Entrudo português, que remonta aos séculos XVII-XVIII, altura em que as pessoas saíam à rua mascaradas, tempos de excessos, em que tudo parecia ser permitido. É desse entrudo arruaceiro que é feito o carnaval de S. Vicente: «Com o tempo, adaptações e colagens forma sendo feitas pelos foliões que, ainda dentro da tradição portuguesa, organizam desfiles de casais de noivos, verdadeiros travestis, que davam voltas à praça Nova e faziam rir as pessoas pela facécia das noivas e arrumadas a rigor» (RODRIGUES, s/d: 12).

Enfim, a tradição popular do carnaval em Cabo Verde apresenta manifestações com profundas raízes tradicionais, particularmente nas ilhas de S. Vicente e São Nicolau, surgidas em condições específicas de preocupações éticas e estéticas

¹² Vem de entroito, entrada, começo, que corresponde aos três dias anteriores á quaresma, período em que o cristão devia praticar abstinência e entra-se no mundo da calma e do silêncio, contrariando aos ruídos e barulhos dos dias anteriores.

formando assim um conjunto de soluções materiais e intelectuais comumente determinadas por características culturais.

Outras interinfluências culturais interessantes são também verificadas no domínio das festas juninas¹³, com incidência nas ilhas da Brava e de Santo Antão. Nestas ilhas,

o Kolá e as actividades e ele ligadas apresentam muitos pontos de contacto e semelhanças, com muitos rituais profanos praticados nas festas dos Santos Padroeiros na Ilha da Madeira e nas Ilhas dos Açores. Note-se, contudo, uma diferença fundamental: na Madeira e nos Açores, festejam-se os padroeiros das freguesias no geral, enquanto em Cabo Verde estas festas estão ligadas a certos santos e a uma determinada época do ano (GONÇALVES, 2006: 46).

Lámina 4. Prossição religiosa no dia de S. João, Ilha de S. Vicente



Fonte: *Iniciativa. Edição nº 52. Especial. Março-Abril. 2014.*

Consistem em manifestações e rituais populares, resultantes de um sincretismo religioso, têm tambores e apitos como instrumentos musicais e que se fazem acompanhar de cânticos a solo e em coro. Uma simbiose entre elementos herdados do continente e da Europa mediterrânica, hoje, espalhada por todas as

¹³ Um ciclo de festas populares, segundo consta, associadas à cultura mediterrânica e que decorrem entre os meses de Maio e Junho. Estão indubitavelmente ligadas aos Santos populares, Santo António, São João e São Pedro, portanto, de cariz iminentemente cristãs.

ilhas que formam o arquipélago de Cabo Verde.

4. CONCLUSÃO

Por tudo o que foi exposto e, em jeito de conclusão, dizer que a consolidação da vivência quotidiana e da cultura cabo-verdiana, no geral, evidencia o resultado de cruzamento de povos e culturas diversas que passaram por estas ilhas. Estas, dispersas em pleno Atlântico, cedo compreenderam a sua especificidade e o valor do respeito pelas diferenças, fundamentada numa cultura nacional que atingiu contornos próprios.

Com efeito, Cabo Verde, situado no coração do Atlântico, esteve sempre destinado a construir uma ponte para o encontro de povos provenientes de diferentes paragens, designadamente da Costa Ocidental africana e da Europa. Povos de diferentes raças e culturas que, ao cruzarem nas ilhas não só exerceram uma influência decisiva no emergir de um «novo produto» – o homem cabo-verdiano, como também e, sobretudo, deixaram marcas ao longo dos séculos, que, hoje, permitem-nos melhor compreender o sistema da convivência operado nas ilhas de Cabo Verde ao longo do seu itinerário histórico.

Assim, o passado histórico de Cabo Verde, com os legados vivenciais e culturais que criou, com o hábito à diferença que acabou por desenvolver, constitui um enorme capital ao serviço da projecção da imagem deste Arquipélago no mundo. E uma das formas de fomentar essa imagem passa pelo conhecimento desta cultura mescla que encerra a memória dos que a criaram.

Se é certo que estas ilhas conheceram páginas sombrias, nomeadamente as relacionadas com a escravatura, não é menos certo que as mesmas podem significar um convite a que se faça um esforço colectivo no sentido da construção de um mundo de tolerância e de complementaridade baseadas no respeito pelas diversidades culturais que operaram e que operam no Atlântico e no Mundo.

5. BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, I. D. (1991): «Cabo Verde: Introdução Geográfica», in L. DE ALBUQUERQUE e M. E. MADEIRA SANTOS (eds.), *História Geral de Cabo Verde*. Vol. I, CEHCA/DGPC, Lisboa/ Praia: 1-22.
- ANDRADE, E. (1996): *As ilhas de Cabo Verde – da «Descoberta» à Independência Nacional (1460 - 1975)*, L'Harmattan, Paris.
- ANDRÉ, J. M. (2004): « Globalização, mestiçagem e diálogo intercultural», in *História das Ideias*, Vol. 25, Lisboa.
- ALMEIDA, M. V. (2007): «From Miscegenation to Creole Identity: Portuguese Colonialism, Brazil, Cape Verde», in *Creolization: History, Ethnography, Theory*, C. Steward (ed.), Left Coast Press, Walnut Creek, CA.: 108-132.
- BALENO, I. (1991): «Povoamento e Formação da Sociedade», in *História Geral de Cabo Verde*, Vol. I. IICT/DGPC, Lisboa/Praia.
- CARREIRA, A. (2000): *Cabo Verde: Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878)*, IPC, Praia.

- CHAUDENSON, R. (1992): *Mulâtres, Métis, créoles, Métissages*, L'Harmattan, Paris
- BANTON, M. (1971): *Sociologie des relations raciales*, Paris.
- DIAS, J. (s/d): *Ambiente Natural e Histórico (dinamismo cultural)*. Ensaios etnográficos, Lisboa.
- DUARTE, F. (1934): *Da Literatura colonial e da morna de Cabo Verde*, Lisboa.
- FILHO, J. L. (1996): *S. Nicolau, Cabo Verde, Formação da sociedade e Mudança*, Cultural, Secretaria-geral, Ministério da Educação, Praia.
- FILHO, J. L. (1999): «Mestiçagem, Emigração e mudança sociocultural em Cabo Verde», *Islenha*. N° 24, Lisboa.
- GONÇALVES, C. (2006): *Kab Verd Band*, IAHN, Praia.
- HENRIQUES, I. C. (2011): «Os Africanos na Sociedade Portuguesa: Formas de Integração e Construção de Imaginários (Séculos XV-XX) Inventário de Problemáticas», em *Representação da África e dos Africanos na História e na Cultura – Séculos XV a XXI*, Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Universidade dos Açores, Edição de José Damião Rodrigues, Ponta Delgada: 13-32.
- LEVY, B. (1956): «Um cabo-verdiano em Cabo Verde», *Boletim Cabo Verde*, 77.
- LIMA, A. G. (2002): *Boa Vista, Ilha da Morna e do Landú*, Edição do Instituto Superior da Educação, Praia.
- MIRANDA, N. (1961): «A propósito da situação sociocultural de Cabo Verde», *Garcia de Orta*, 9: 95-98.
- MONTEIRO, F. (1948): «Bandeiras da Ilha do Fogo - O Senhor e o Escravo divertem-se», em *Claridade*, 8: 9-22.
- PEREIRA, D. (1994): «Cabo Verde no cruzamento das rotas do Atlântico», em *Ekhos do Paul*, 5/6.
- RIBEIRO, M. L. F. (1962): «Apontamento Etnográfico sobre a ilha de Santiago», *Revista Cabo Verde*, 148.
- RIBEIRO, M. L. F. (1962): «Vida na ilha de Santiago há cem anos», *Revista Cabo Verde*, 150, Praia.
- RIBEIRO, O. (1997): *A ilha do Fogo e suas Erupções*, Comissão Nacional para as Comemorações dos descobrimentos Portugueses, Lisboa.
- RAMÍREZ, R. (s/d): «O tráfico negreiro e a economia de Cabo Verde», em *Cabo Verde, Fortalezas, Gente e Paisagem*, Agência Espanhola de Cooperação Internacional / Ministério da Cultura de Cabo Verde.
- RODRIGUES, M.: «O Carnaval mindelense», *Fragata. Revista de Bordo dos TACV*, 7: 10.
- SANTOS, M. E. e CABRAL, I. (s/d): «Um laboratório expedito para uma sociedade crioula (Cabo Verde - Séculos XVI-XVII)», em *Cabo Verde, Fortalezas, Gente e Paisagem*, Agência Espanhola de Cooperação Internacional / Ministério da Cultura de Cabo Verde.
- SEMEDO, J. M. (1997): *Cabo Verde – O ciclo ritual das festividades da Tabanca*, Praia.
- SILVA, A. C. (1995): *Histórias de um Sahel Insular*, Praia.
- SILVA, A. C. (1999): «Para uma Sociologia histórica de uma cidade porto. As especificidades do Mindelo no contexto das cidades cabo-verdianas», *Anais*, 1.

SILVA, M.M. (2000): *Contos e Factos*, Mindelo.

SOUSA, H. T. S.: «Lojas & Funcos. Contribuição para o estudo da Evolução Social da Ilha do Fogo», en *Claridade*, Nº 6, Mindelo: 2-8.

VEIGA, M. (1982): *Discrisom Strutural do Lingua Kabuverdianu*, Praia.

VEIGA, M. (1995): *Introdução à Gramática do Crioulo*, Mindelo.

VEIGA, M. (2002): *O cabo-verdiano em 45 Lições*, Praia.